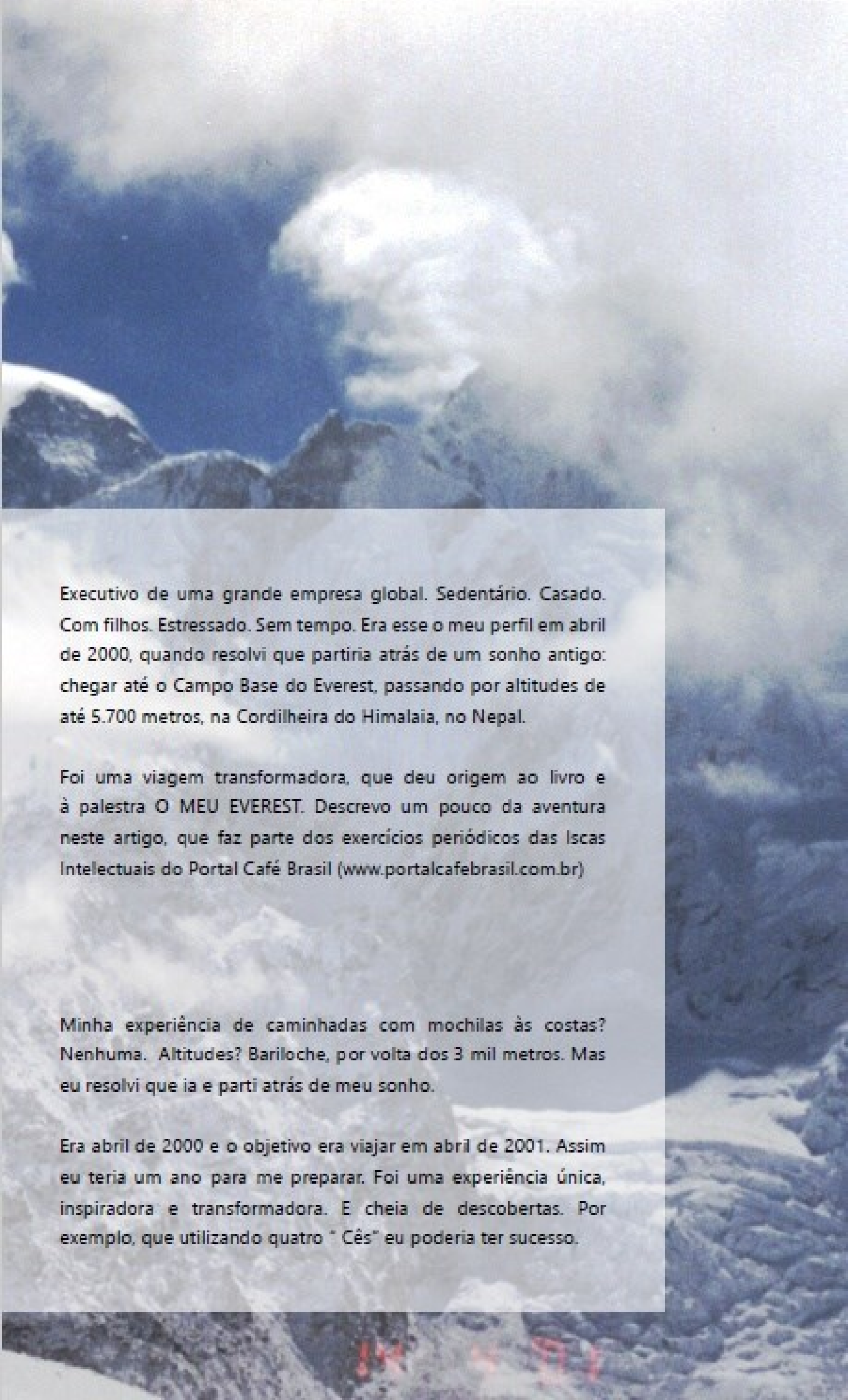


CONQUISTE
SEU
EVEREST

LUCIANO PIRES
PALESTRAS PROVOCACIONAIS





Executivo de uma grande empresa global. Sedentário. Casado. Com filhos. Estressado. Sem tempo. Era esse o meu perfil em abril de 2000, quando resolvi que partiria atrás de um sonho antigo: chegar até o Campo Base do Everest, passando por altitudes de até 5.700 metros, na Cordilheira do Himalaia, no Nepal.

Foi uma viagem transformadora, que deu origem ao livro e à palestra O MEU EVEREST. Descrevo um pouco da aventura neste artigo, que faz parte dos exercícios periódicos das Iscas Intelectuais do Portal Café Brasil (www.portalcafebrasil.com.br)

Minha experiência de caminhadas com mochilas às costas? Nenhuma. Altitudes? Bariloche, por volta dos 3 mil metros. Mas eu resolvi que ia e parti atrás de meu sonho.

Era abril de 2000 e o objetivo era viajar em abril de 2001. Assim eu teria um ano para me preparar. Foi uma experiência única, inspiradora e transformadora. E cheia de descobertas. Por exemplo, que utilizando quatro "Cês" eu poderia ter sucesso.

O primeiro C é de CONHECIMENTO

Eu estava diante de um desafio inédito. Diferente de tudo que eu até então conhecia, precisando reduzir a ansiedade, os riscos. Eu tinha que entender o que me esperava e como fazer para superar obstáculos que eu simplesmente desconhecia.

A primeira atitude foi recolher o maior número de dados disponíveis. Li e assisti tudo que pude sobre o Everest, o Himalaia e as altas montanhas. Comecei a compreender os perigos do mal de altitude, que ataca as pessoas e pode provocar até a morte por edema pulmonar ou cerebral.

E logo descobri que os dados que eu recolhia, eram somente aquilo que era possível ser codificado. O que estava implícito, impossível de traduzir em palavras, não cabia num livro, num site, num filme. Passei então a contatar pessoas que fizeram a viagem, convidando para uma pizza acompanhada de fotos e de relatos da experiência vivida. Eu procurava o conhecimento implícito que, conforme

os especialistas, é 75% do conhecimento que é possível adquirir. E fui me tornando, teoricamente, um expert em Everest.

Comprei o pacote de viagem com a Mountain Madness, empresa especializada em levar "turistas" até o Campo Base. Eu queria gente com experiência. Eu não ia entrar numa aventura para morrer no Everest.

Me preparei fisicamente. Fui para Itatiaia e fiz Agulhas Negras, meu primeiro cume! A 2.800 metros...no Nepal eu iria a 5.700!

Logo, eu sabia quase tudo e mais um pouco. Estava bem confiante e seguro do que teria que fazer para enfrentar a viagem. Pronto para cair na trilha. Parti então para uma aventura de 15 dias e 120 quilômetros entre as montanhas mais altas do mundo. Com um frio na barriga e sob os olhares de desaprovação, admiração e preocupação dos amigos e familiares.

O segundo C é de CRIATIVIDADE

Como enfrentar um mundo novo? Uma situação em que meu corpo reagiria diferente de tudo que eu conhecia? Eu era o único brasileiro entre um grupo de americanos, no meio de um monte de sherpas...o alienígena entre os alienígenas.

Eu iria usar banheiros onde não existiam banheiros. Ia dormir num saco, com temperaturas abaixo de zero. Ia comer algo estranho. Ia obedecer a um líder numa situação inusitada.

Eu teria que me virar. E adotei o pensamento criativo em vez de crítico. Eu fiz a trilha toda inspirado, buscando o lado positivo, reconhecendo os problemas como parte do grande desafio. Comi o pão que o diabo amassou, mas cada vez que eu olhava para o alto, o pão virava um pudim

de mãe. Eu estava no Himalaia. De frente para o Everest!

Era um lugar tão especial, as paisagens tão deslumbrantes, o povo tão receptivo, que para estar lá, havia de se pagar um custo alto. Mas valia a pena. Enfrentando a trilha de forma criativa, transformei o que poderia ser um pesadelo, na viagem da minha vida.

Cheguei aos 5 mil metros. Começou a caminhada na neve. O mal da altitude ameaçando a todos. A gente tinha que monitorar a cor do xixi, a dor de cabeça, o vômito, os sinais de problemas. A gente tinha que ficar de olho na trilha, onde um tropeção podia significar rolar pela montanha. Tinha que empurrar a comida goela abaixo.

O terceiro C é de CORAGEM

Para que serve um sujeito que conhece o que faz, é criativo, mas não tem coragem? Havia riscos a enfrentar. Eu tinha aprendido muito antes de ir para a trilha. Mas ali era tudo ou nada. Era subir, andando por 3, 6, até 8 horas sobre barro, pedras, água e neve. Seguindo as recomendações do líder ao pé da letra. E botando a cara para bater.

Era necessário ter coragem de cruzar a ponte velha, de dormir na barraca com 15 abaixo de zero, de continuar andando em meio à nevasca.

Já no Campo Base, enquanto eu me preparava para dormir, pensei no local onde estava. O ruído das avalanches não deixava dúvidas: aquele lugar estava vivo. Os blocos de gelo estavam se movendo. As fendas se abrindo e fechando. A qualquer momento aquilo tudo podia vir abaixo. Coragem! O risco estava ali para ser enfrentado. Eu estava preparado. E, depois de milhões de anos, não ia ser justo no dia em que eu - o brasileiro de Bauru - estava lá que uma tragédia ia acontecer...

O quarto C é de CONSEQUÊNCIA

Quais podiam ser as conseqüências de minha aventura? Sem conhecimento, eu podia me complicar, machucar ou até morrer. Sem criatividade, eu iria me incomodar e aproveitar muito pouco aquela maravilha de lugar. Sem coragem, eu nem sairia de Katmandu...

Por outro lado, de alguma forma aquilo mudaria minha vida. Pude aprender lições óbvias, que teoricamente são esfregadas em nossa cara no dia a dia, mas que na Trilha do Everest viram a verdade absoluta.

Como, por exemplo, o trabalhar em equipe. A necessidade de comunicar-se. O respeito ao guia, aos companheiros e aos subordinados.

Apreendi que nada resiste a um passo atrás do outro, sistemático e constante.

Apreendi que, depois de uma grande subida, onde a gente ganhava altura, vinha uma grande descida. Descer faz parte da subida do Everest. Não é negativo. Não é uma derrota.

Chegar ao Campo Base, meu objetivo, seria só metade da viagem... Apreendi, no meio da subida terrível, a olhar mais para baixo do que para cima. Assim eu via o quanto havia subido e não apenas quanto faltava para subir. Isso chama-se auto motivação!

Esse esforço todo mostrou mais uma lição: conhecimento a gente só adquire fazendo. É ensinando os outros COMO fazer.



Na volta, depois de conquistar o meu Everest, descobri com prazer que o exercício de desenvolver um site omeueverest.com, escrever o livro O MEU EVEREST, elaborar uma exposição fotográfica e preparar uma palestra a respeito do que aprendi na viagem. Que prolongou minha aventura muito além dos 15 dias em que permaneci nas montanhas.

Eu tinha um sonho. E preferi, em vez de continuar sonhando, transformá-lo em realidade.
Com aqueles "cês" do conhecimento, criatividade, coragem e consequência.
Quatro "Cês" que te ajudarão a conquistar o **seu** Everest.
Seja ele qual for.

E PUR SI MUOVE

Em 29 de maio de 2003 a conquista do Everest completou 50 anos. Em 1953, Edmund Hillary e Tenzing Norgay pela primeira vez colocaram os pés de um ser humano no topo da montanha mais alta do mundo. 8850 metros de altura!

Um feito gigantesco, em nome do qual cerca de 200 pessoas já morreram. Que força terá aquela montanha para marcar dessa forma a vida das pessoas?
Ou não será a montanha?

Pois eu acho que ela é apenas o pretexto. O que move nossa curiosidade, que nos dá essa gana de subir cada vez mais, de voltar para lá, de sofrer para conquistar, é o sonho.

Aquele momento em que nos pegamos pensando o "e se...".

Nada mais agradável do que o sonho. Nada mais necessário. Nada mais menosprezado. Nada mais sério...

Em abril de 2001 fui até o Campo Base do Everest no Nepal. Quando conto minha história, vejo nos olhos de muitas pessoas aquele brilho peculiar de quem sonha. E imagino quantos não me julgam um louco.

É sempre assim.

Desde que o mundo é mundo tem alguém fazendo uma coisa doida, que a gente não entende, não gosta, não compreende.

- Isso é coisa de louco!

Louco? O que é ser louco?

Ode aos loucos.

Também chamados de desajustados, rebeldes e criadores de caso.

Aqueles que vêem coisas de uma forma diferente, que não gostam de muitas regras e que não respeitam o status quo. Você pode elogiá-los, discordar ou duvidar deles, endeusá-los ou difamá-los. A única coisa que não pode fazer é ignorá-los, pois eles provocam mudanças.

Eles inventam. Imaginam. Resolvem. Exploram. Criam e inspiram.

Eles obrigam a raça humana a evoluir. Talvez eles tenham que ser loucos.

De outra forma, como alguém poderia enxergar uma obra de arte em uma tela vazia? Ou sentar em silêncio e imaginar uma música que nunca foi escrita? Ou olhar a lua e imaginar uma estação espacial?

Alguns podem vê-los como loucos, nós os chamamos de empreendedores. Pois as pessoas que são loucas o suficiente para pensar que podem mudar o mundo, são justamente as que o fazem.

A ODE AOS LOUCOS acerta na mosca!

Foram loucos que ao não concordar com as regras do jeito que elas são, ao não aceitar fazer parte da rotina, inventaram coisas que mudaram a história de nossas vidas.

As pessoas deveriam entender que é assim a dinâmica da evolução do homem. Talvez isso as ajudasse a conviver em paz com as idéias "absurdas" com as quais cruzam pelo caminho.

No entanto, a mediocridade fala mais alto, processando idéias como um

tritador, que mistura tudo numa massa uniforme, eliminando nuances, detalhes, sabores, cores... Transformando tudo numa coisa só. Na maioria das vezes, cinza.

Tentando trazer a loucura para a realidade, a mediocridade violenta credos e valores. Transforma idéias originais em arremedos.

Por sorte, Galileu era como Hillary e Norgay. Daqueles loucos que não aceitam a mediocridade e, mesmo subjugados, sussurram:

-E pur si muove!

MORRENDO LENTAMENTE

No encerramento da palestra uso um texto da escritora gaúcha Martha Medeiros, que circula pela internet com a autoria atribuída – entre outros – a Pablo Neruda. É da Martha, pode ficar certo disso. Veja só:

Morre lentamente quem não troca de idéias, não troca de discurso, evita as próprias contradições.

Morre lentamente quem vira escravo do hábito, repetindo todos os dias o mesmo trajeto e as mesmas compras no supermercado. Quem não troca de marca, não arrisca vestir uma cor nova, não dá papo para quem não conhece.

Morre lentamente quem faz da TV o seu guru e seu parceiro diário.

Morre lentamente quem evita uma paixão, quem prefere o "preto no branco" e os "pingos nos is" a um turbilhão de emoções indomáveis, justamente as que resgatam o brilho nos olhos, sorrisos e soluços, coração aos tropeços, sentimentos.

Morre lentamente quem não vira a mesa quando está infeliz no trabalho, quem não arrisca o certo pelo incerto atrás de um sonho, quem não se permite, uma vez na vida, fugir dos conselhos sensatos.

Morre lentamente quem não viaja, quem não lê, quem não ouve música, quem não acha graça de si mesmo.

Morre lentamente quem destrói seu amor próprio, quem não se deixa ajudar.

Morre lentamente quem passa os dias queixando-se da má sorte ou da chuva incessante, desistindo de um projeto antes de iniciá-lo, não perguntando sobre um assunto que desconhece e não respondendo quando lhe indagam o que sabe.

Evite a morte em suaves prestações, lembrando sempre que estar vivo exige um esforço bem maior do que simplesmente respirar!

E você?

Já fez a escolha entre MORRER LENTAMENTE e VIVER INTENSAMENTE?

Eu fiz.



Quer mais?

Conheça as outras palestras de Luciano Pires e adquira o livro Meu Everest acessando www.lucianopires.com.br . Ou visite o site www.meueverest.com.br .



Cadastre-se no Portal Café Brasil para receber gratuitamente os conteúdos de Luciano Pires: www.portalcafebrasil.com.br

2016©Luciano Pires. Todos os direitos reservados.

A reprodução deste material está autorizada desde que seja citada a fonte e mantida a integridade do texto.